

ENTREVISTA COM ZOHAR SHAVIT



Lia A. Miranda de LIMA
Universidade de Brasília, Brasil

Zohar Shavit é professora do departamento de Estudos Culturais da Universidade de Tel Aviv, Israel. Seu doutorado, defendido em 1978 sob a orientação de Itamar Even-Zohar, teve como tema o modernismo na poesia hebraica da década de 1920. Partindo dos fundamentos da escola de Tel Aviv referentes à teoria dos Polissistemas, a autora tem apresentado, desde a década de 1980, reflexões pioneiras no campo da literatura infantil, muitas das quais concernentes à sua tradução e circulação internacional. Além de sua obra mais conhecida, *Poetics of Children's Literature* (1986), a autora legou um importante conjunto de artigos acadêmicos e capítulos de livros nos quais trata do caráter ambivalente da literatura infantil, da necessidade de se formular uma poética para seu estudo, da formação da literatura infantil hebraica a partir de traduções, do fenômeno da interferência cultural, do cânone.

267

Nesta entrevista, Shavit conta como passou a se interessar pela literatura infantil, tendo se tornado uma das principais referências na área. Ela também esclarece pontos-chave de sua obra, tais como as noções de sistema e ambivalência e seu modelo histórico de desenvolvimento da literatura infantil. Finalmente, Shavit discute os caminhos da pesquisa contemporânea em literatura infantil e tradução.

Esta é a versão em português da entrevista concedida a mim, por telefone, conforme texto em inglês reproduzido neste artigo.

1) O que a levou a interessar-se pela literatura infantil e pela tradução? Você pode nos falar um pouco sobre sua trajetória acadêmica?

Sempre tive atração pela literatura infantil e pela tradução e, na verdade, quando eu era estudante, ganhava a vida traduzindo livros, a maioria infantis. Acredito que o primeiro livro que traduzi tenha sido *The Story of Dr. Dolittle* (1975), de Hugh Lofting. Contudo, na década de 1970, escrever uma tese de doutorado sobre literatura infantil no departamento de literatura ou em qualquer outro departamento das ciências humanas estava fora de questão. Então escrevi

minha tese sobre outro tema fascinante, que tratava da construção da cultura hebraica em Eretz-Israel, Palestina.

Eu tinha 27 anos quando defendi minha tese e não queria passar o resto da vida trabalhando nas mesmas questões e temas do doutorado (aos quais, entretanto, eu voltei mais tarde em minha carreira). Então decidi começar algo novo, e essa novidade era a pesquisa em literatura infantil. Fiz essa escolha não apenas porque gosto tanto de literatura infantil, mas também por causa do imenso potencial de pesquisa oculto neste campo. Naquele tempo, o estudo da literatura infantil não era considerado legítimo nos estudos culturais; mas a literatura infantil em si mesma ansiava por ser estudada – havia tanto a ser feito, e tudo era tão novo e interessante! Eu estava conscientemente desejosa de abrir um novo caminho, algo que não muitos pesquisadores haviam feito até então. De fato, havia muita coisa escrita sobre literatura infantil, mas frequentemente sob um ponto de vista pedagógico, baseado em um arcabouço teórico muito tradicional – certamente não em uma teoria de ponta como era a teoria dos Polissistemas, de Itamar Even-Zohar, que serviu como arcabouço conceitual para o meu trabalho.

268

Nesse arcabouço, o “sistema literário” é concebido como um conceito teórico que descreve uma rede de relações dinâmicas entre grupos literários, instituições literárias, textos, repertórios e públicos, uma malha de relações que mudam de período a período de acordo com o que é considerado “literatura” em uma dada sociedade.

Todavia, olhando retrospectivamente, devo admitir que a decisão de lidar com a literatura infantil mostrou-se longe de ser simples, pois eu tive de “provar” meu valor acadêmico, por assim dizer, também em outros campos. De fato, se você olhar para minha lista de publicações, vai notar que mais da metade de meus livros e artigos não tratam de “literatura infantil”.

Hoje em dia percebo o mundo acadêmico bem mais tolerante, aberto e pronto para aceitar o estudo de qualquer tema não por causa de seu estatuto cultural privilegiado, mas por causa de seu potencial de pesquisa. Em outras palavras, não identificamos mais o valor “cultural” atribuído a certo objeto com o interesse acadêmico que possamos encontrar nele.

Agora, por que tradução? A principal razão do meu grande interesse pela tradução repousa no fato de que ela sempre envolve um diálogo entre pelo menos dois sistemas. Quando se lida com tradução, sempre se entra na discussão de diálogo(s) cultural(is). Assim, por exemplo, a tradução ou, melhor dizendo, *transferência* (para usar a noção de Even-Zohar) do sistema adulto para o infantil também envolve um diálogo entre dois sistemas diferenciados

pelo construto de seus destinatários. E a análise deste diálogo abre as portas para a exploração de muitos fenômenos que, de outra maneira, são muito difíceis de explorar. Além disso, na cultura hebraica, na cultura hebraico-judaica, como em muitas outras culturas pequenas, a tradução exerce um papel extremamente significativo tanto na construção do sistema quanto posteriormente, em sua manutenção.

A cultura judaica moderna tem dois inícios: o primeiro na Europa, como o movimento do Haskalá (o movimento Iluminista), e o segundo com a construção de uma nova sociedade nacional judaica na Palestina-Eretz-Israel. Em ambos os casos, as traduções exerceram um papel essencial, seja dando-lhes legitimidade, como foi o caso durante o movimento do Haskalá, seja preenchendo o sistema, como foi o caso por volta do fim do século XVIII e novamente no início do século XX. Em ambos, o sistema hebraico-judaico traduzia textos de culturas que desfrutavam de um estatuto elevado, como a alemã, a russa, a inglesa ou a francesa. A atividade tradutória massiva respondia à necessidade de construir um sistema novo desde o começo. As traduções que estavam disponíveis tornaram esta tarefa muito mais fácil. Esta é a principal razão para o lugar significativo que as traduções ocupam em meu trabalho. Na verdade, eu não trabalho apenas com traduções, mas você tem razão em sugerir que eu me concentro nas traduções, e algumas vezes principalmente nas traduções.

2) Gideon Toury e Itamar Even-Zohar são referências essenciais nos Estudos da Tradução por todo o mundo. Como você enxerga a importância teórica de sua obra para a pesquisa em literatura infantil mais especificamente?

Itamar Even-Zohar e o Gideon Toury tardio de fato se tornaram os pilares dos Estudos da Tradução, e o trabalho de Itamar Even-Zohar foi uma inovação na pesquisa cultural. Tanto Gideon Toury quanto eu fomos alunos de Itamar Even-Zohar, que foi nosso grande mentor, e ambos usamos sua teoria dos Polissistemas como a base do nosso trabalho. Itamar Even-Zohar edificou uma teoria, ou um conjunto de noções teóricas, na qual a literatura infantil, ou qualquer outro sistema dentro da cultura poderia se encaixar. Quando você usa as noções da teoria dos Polissistemas, você pode lidar com a literatura infantil sem qualquer senso de inferioridade, da mesma maneira como você lida com a literatura para adultos, para mulheres, para qualquer gênero ou grupo social. Essa teoria não é pejorativa; ela permite uma discussão livre de qualquer julgamento. Você analisa determinado fenômeno na cultura não por causa de seu chamado valor “estético”, mas porque ele permite que você formule questões interessantes. E, claro, a

vantagem mais importante dessa teoria é que ela oferece a possibilidade de estudar a dinâmica da cultura em sua faceta multirrelacional.

Acho frutífera esta concepção teórica porque ela situa a discussão no contexto da cultura em sua totalidade, especialmente em termos de suas relações com outras literaturas, bem como com outros sistemas societais. A ideia geral é que você discute a dinâmica da cultura, e não entidades estáticas.

O valor do meu trabalho, acredito, repousa na exploração da dinâmica da literatura infantil, no qual protótipos e padrões cruciais que caracterizam a literatura infantil – tais como mudanças nas noções de infância, a ambivalência, a fraca autoimagem, transformando em vantagem a desvantagem de seu estatuto periférico –, todos derivam da compreensão da literatura infantil como parte de um polissistema dinâmico mais amplo.

Além disso, como todos sabemos, é a existência de um reservatório de novas perguntas, ou a própria existência de seu potencial, que garante a vitalidade contínua de qualquer disciplina. A teoria de Even-Zohar nos permite propor novas perguntas e libertar a literatura infantil de questões tradicionais e desgastadas, seja dos estudos pedagógicos, sociais, educacionais ou literários, e discuti-la, em vez disso, no quadro da semiótica da cultura. Trabalhar dentro da semiótica da cultura nos permite lidar com a situação multissistêmica típica da literatura infantil. Permite que esquadriremos a literatura infantil no contexto mais amplo possível – em suas multirrelações com normas sociais, literárias e educacionais, e analisar como os textos para crianças são um produto dessa rede complicada de relações. Além disso, permite que examinemos como os textos para criança, por sua vez, moldam ideais e ideias sociais e participam da sua transformação em novos paradigmas.

270

3) *Em artigo de 1994 (Beyond the Restrictive Frameworks of the Past: Semiotics of Children's Literature – A New Perspective for the Study of the Field), você declarou que a literatura infantil era a "Cinderela dos estudos literários". 25 anos depois, você acredita que esta situação permanece?*

Sim e não. Acredito que, na maior parte dos casos, a literatura infantil ainda é a Cinderela dos estudos literários. Isso me lembra da seguinte história: um conhecido escritor para crianças está em um coquetel, quando alguém se aproxima e pergunta: "Em que você trabalha?" Ele responde: "Eu escrevo para crianças." Então a pessoa diz: "Ah, talvez um dia eu experimente." Em resposta, o escritor pergunta: "Em que você trabalha?", e ele responde: "Sou um neurocirurgião." Então o escritor comenta: "Ah, talvez um dia eu experimente."

Há uma sensação de que qualquer um pode escrever para crianças e de que todos podem fazer pesquisa em literatura infantil, já que ela é tão simples e tão dentro do alcance. Acredito que ainda existe uma atitude condescendente em relação à literatura infantil e ao seu estudo. Como pesquisador, você pode “melhorar” seu “*status acadêmico*” e conquistar uma espécie de certificação acadêmica se conseguir se “confirmar” em outros campos de pesquisa.

Há duas manifestações desse estado de coisas. Antes de tudo – o gênero: a maior parte dos pesquisadores de literatura infantil são mulheres, e isso, infelizmente, precisamos admitir, é sempre uma espécie de sinal do estatuto inferior de um campo. Um campo social dominado por mulheres goza de menos prestígio que um campo governado por homens. Geralmente, profissões nas quais quase não há mulheres gozam de uma posição de certa forma mais elevada. Esta é a verdade: quando mulheres entram no clube, ele se torna menos prestigioso, para citar Groucho Marx: “*Não quero fazer parte de nenhum clube que me aceite como membro*”.

Dito isto, vemos que de fato a literatura infantil começou a ganhar *status* como um campo acadêmico legítimo, não apenas nos cursos de educação ou pedagogia. Nesse sentido, acho que ela é uma “Cinderela melhorada”. O problema advém também da tendência de os estudiosos de literatura infantil abraçarem essa imagem e não ousarem trazer novos paradigmas; eles preferem agarrar-se a noções desgastadas ou teorias que antes eram usadas para o estudo da literatura adulta. Quando são aplicadas ao estudo da literatura infantil, não apenas porque frequentemente são inadequadas, mas porque adotam noções teóricas já desatualizadas, elas preservam o estatuto desprivilegiado do estudo da literatura infantil. É um círculo vicioso que cria entre os pesquisadores de literatura infantil um sentimento de estarem sendo deixados para trás. Mas isso nem sempre é verdade. Em alguns casos, é o estudo da literatura infantil que está na dianteira dos estudos culturais devido à sua capacidade de lançar luz sobre questões culturais complicadas. Assim, por um lado, os estudos sobre literatura infantil permanecem não muito ousados e um tanto conservadores e, ao mesmo tempo, parte da pesquisa feita é de fato inovadora e não poderia ter sido levada a cabo em nenhum outro campo de estudo, por causa da perspectiva única que oferece.

4) *Nos seus trabalhos, ao estudar o desenvolvimento da literatura infantil, vemos uma ênfase especial nas traduções. Você poderia falar um pouco sobre a importância dos Estudos da Tradução para as pesquisas em literatura infantil?*

A cultura infantil e a literatura infantil em particular são *sempre* resultados de uma tradução ou “transferência”. As traduções, conforme afirmei anteriormente, sempre nos

permitem abordar certo objeto a partir de perspectivas várias e diversas. Como nos ensinou Gideon Toury, a tradução baseia-se na tensão entre dois polos: equivalência ou adequação. A análise desta tensão nos permite desvelar padrões e características estruturais que são difíceis de expor quando você lida apenas com um texto, pois a comparação de dois ou mais textos pode levar à detecção de novas leituras e interpretações do(s) mesmo(s) texto(s).

A análise do trabalho do tradutor sempre envolve uma *desautomatização* tanto do sistema fonte quanto do sistema alvo, quando uma multidão de questões são levantadas: “Por que você formulou a frase desta maneira? Por que você transformou uma descrição concreta em abstrata? Por que essas adições e omissões? etc., etc. Tal análise às vezes se torna muito reveladora e você pode aprender muito sobre cada uma das culturas em questão – a alvo e a fonte. Como estou interessada na(s) cultura(s) em sentido geral, acho a análise das traduções muito instrumental para seu estudo.

272

5) *No artigo The Historical Model of the Development of Children's Literature (1995), você desenvolve uma ideia já presente em Poetics of Children's Literature, de 1986, que é a universalidade de uma estrutura geral de desenvolvimento para todas as literaturas infantis. Esta ideia foi criticada por Emer O'Sullivan (Comparative Children's Literature, 2000), que declara que algumas literaturas podem não se encaixar neste “modelo europeu norte-ocidental”. Você poderia tecer alguns comentários a este respeito?*

Em um nível conceitual abstrato, esse modelo certamente é válido. Ele o é menos quando chegamos a níveis mais concretos. Assim, depende do quão ampla é a noção de universalidade. Contudo, creio que é recompensador lidar com a *universalidade* e ver como esse conglomerado de dois sistemas ou mais e a existência de um constante leitorado *a priori* duplo sempre participa na construção do que rotulamos como “literatura infantil”.

A literatura infantil sempre opera sob as restrições de pelo menos dois sistemas, enquanto a literatura adulta é mais “livre”, tem muito mais liberdade para operar. Mesmo quando textos para crianças tentam desafiar essas restrições, por exemplo, aquelas do sistema educacional, elas ainda estão lá, e devem ser levadas em consideração. Você sempre tem em mente esses dois grupos de leitores – adultos e crianças, que diferem substancialmente como construto social. Este é o caso mesmo quando a literatura infantil se esforça para desafiar a cultura adulta, fingindo não se importar com ela, o que, aliás, nunca acontece de fato. Nesse sentido, o modelo de dualidade é certamente válido e muito útil para nossa compreensão da

cultura infantil. Sem dúvida, a oposição entre os dois sistemas – o educacional e o literário, bem como a oposição entre adultos e crianças – sempre determina a natureza da cultura infantil.

6) *Alguns pesquisadores, entre os quais podemos mencionar Göte Klingberg (1986), apontaram que os tradutores de literatura infantil frequentemente atuam com mais liberdade que os tradutores de literatura adulta. Você acredita que alguma coisa mudou nos anos recentes em relação a esta norma geral?*

Acho que algo mudou no sentido que, no século XIX e no início do XX, os tradutores usavam os textos fontes como material bruto. Eles tinham a liberdade de fazer o que bem entendessem a fim de ajustar o texto para o sistema alvo. Infelizmente, para mim, não sei português e, portanto, nunca estudei o caso das traduções para este idioma, mas tenho quase certeza de que isso foi verdade para as traduções para o português, assim como foi com traduções para o hebraico, o iídiche, o francês e o alemão. Agora, porém, este não é mais o caso. Espera-se cada vez mais que os tradutores produzam traduções integrais e adequadas.

Como exemplo posso trazer meu último estudo sobre a domesticação nas traduções para o hebraico, que apresentei recentemente em uma conferência em Granada, na Espanha. Lá eu discuti como essa norma predominava nas traduções para o hebraico. Tudo era domesticado: nomes, sobrenomes, alimentos, costumes e feriados. Então, por exemplo, uma árvore de natal se tornava um Hanuká – a menorá de nove braços que simboliza o feriado judaico –, os alimentos que não eram kosher eram substituídos por alimentos kosher (vitelo em vez de porco), e as orações judaicas substituíam as cristãs. Às vezes isso se tornava ridículo, porque as imagens dos livros ilustrados mostravam um suíno, enquanto o texto se referia a uma vaca.

Esta norma acabou. Hoje se espera mais e mais que os tradutores produzam um texto adequado e transmitam o mundo apresentado no texto fonte sem “convertê-lo”. Nesse sentido, acho que uma mudança enorme aconteceu, pelo menos nas literaturas que eu estudo, embora não possa garantir que isso se aplique a outras literaturas.

7) *Em Poetics of Children’s Literature e em outros trabalhos você fala em textos ambivalentes: textos com um estatuto difuso dentro do sistema literário, em especial no que diz respeito a seus leitores implícitos – crianças e adultos. Como podemos relacionar esta noção ao termo mais recente “literatura crossover”?*

Num primeiro olhar parece não haver nenhuma diferença real entre as noções de literatura ambivalente ou *crossover*, porque com muita frequência elas se referem aos mesmos

textos, e ambas lidam com textos que se dirigem ao mesmo tempo a crianças e adultos. Mas eu defendo que elas são profundamente diferentes porque representam uma compreensão totalmente diversa do sistema cultural – a diferença entre compreensões estáticas e dinâmicas.

No quadro da concepção estática tradicional, os textos eram classificados em categorias semelhantes a gavetas, que não deixavam espaço para textos cujo estatuto não era inequívoco. É exatamente aqui que entra o conceito de ambivalência, que lida com textos situados em mais de “uma gaveta” e demanda a possibilidade de analisar a *dualidade* de seu estatuto. Formulado de outra forma, o conceito “*texto ambivalente*” se refere a textos que entram simultaneamente em mais de uma oposição sistêmica no interior de sistemas mutuamente excludentes. No caso de textos ambivalentes, a questão sobre a qual sistema pertencem é significativa, uma vez que eles jogam precisamente com seu não pertencimento, ou com seu duplo pertencimento. A possibilidade teórica de investigar estatutos ambivalentes e funções contraditórias é crucial, uma vez que nosso interesse está centrado em um grupo de textos que pertencem oficialmente ao sistema infantil – embora o fato de que sejam percebidos e aceitos como adequados para adultos é uma condição *sine qua non* para seu sucesso como textos para crianças. Assim, toda a ideia da noção de ambivalência (uma noção de Yuri Lotman que eu elaborei) é apontar para a dinâmica sistêmica. A noção de ambivalência diz respeito à exclusividade, o que significa que lidamos com um grupo de textos que não podem ser aceitos nem pela literatura adulta, nem pela infantil. Eles são excluídos de ambos os sistemas, e aceito nos dois, com base no fato de serem excluídos. Aqui lidamos com as razões para sua *exclusão* – a dinâmica da exclusão, e como os escritores e editores usam essa exclusão para a inclusão. A literatura *crossover* leva em conta apenas a inclusão, lidando com textos que são incluídos tanto na literatura infantil quanto na adulta. Aqui, o fim e o princípio são o mesmo: você começa com textos que estão incluídos tanto na literatura adulta quanto na infantil e termina com eles. Mas com a noção de ambivalência, o fim e o princípio são diferentes. Começamos com a exclusão, o que afinal se torna inclusão, mas uma inclusão muito condicionada: você pode ser aceito por cada um dos sistemas somente se for aceito ao mesmo tempo por ambos. A noção de ambivalência, portanto, permite uma análise mais delicada e muito mais sofisticada. Você leva em conta mais fatores, você tenta entender o que faz o texto funcionar para os dois públicos. Já li vários bons artigos que lidam com a literatura *crossover*, e aprendi muito. Mas ainda penso que o uso da noção de ambivalência geraria uma análise mais sofisticada.

8) *Como você acredita que os estudos recentes no campo da literatura infantil evoluíram no sentido de abandonarem metodologias antigas, tais como aquelas oferecidas pela crítica literária clássica?*

Como eu disse antes, alguns pesquisadores são altamente conservadores e tendem a fazer perguntas que foram feitas por pesquisadores da literatura adulta há 20 ou 50 anos. Outros são ainda piores a meu ver, porque parecem ir à caça de teorias da moda sem se perguntarem se elas são relevantes para o campo. Contudo, muitos pesquisadores têm feito um trabalho sério e valioso.

Em primeiro lugar, o estudo da história da infância e da adolescência alcançou resultados maravilhosos. Trabalhos acadêmicos muito bons surgiram e ainda estão surgindo. Além disso, os pesquisadores começaram a atentar para os desenvolvimentos nesse campo e a explorar outras mídias para as crianças, como jogos, ilustração, filmes e teatro e, é claro, toda a questão da cultura infantil digital. Aqui, os pesquisadores com frequência se encontram na dianteira dos estudos culturais. Isso também é verdade em relação aos estudos sobre o lazer infantil e juvenil e a toda a questão dos *screenagers*.

Mais uma vez, você encontra estudos da cultura infantil em dois polos: alguns muito avançados e alguns muito ultrapassados. Os estudos mais avançados estão sendo feitos, até onde sei, principalmente na Europa, nos países escandinavos, na Alemanha, na Inglaterra e na França e no mundo de língua espanhola. Muito menos é feito nos Estados Unidos. Nos Estados Unidos, percebo que a maior parte da pesquisa é muito conservadora e, ao mesmo tempo, há um constante esforço para seguir tendências. Agora descobriram os estudos de gênero, e você encontra vários trabalhos sobre gênero e literatura infantil. Há dez anos, eram os estudos sobre racismo ou velhice. Não sou muito entusiasta desse tipo de paradigma de pesquisa que muda tão rápido, porque eles nunca têm a chance de evoluir seriamente. Mudar os paradigmas científicos a cada cinco ou dez anos não deixa espaço suficiente para um amadurecimento adequado.

Você também deve levar em consideração que muito da pesquisa que é feita não está acessível para mim devido à barreira linguística, o que é de fato lamentável. Espero muito que mais estudos sejam traduzidos.

9) *Que caminhos você acredita serem os mais promissores para a pesquisa contemporânea em literatura infantil, em especial no que diz respeito aos Estudos da Tradução?*

Já aponte as vantagens da teoria dos Polissistemas e gostaria de mencionar, além disso, o trabalho mais tardio de Pierre Bourdieu, particularmente suas noções de “campos”, “capital

cultural” e “bens” (*les biens*), que são de suma importância para nosso trabalho. Essas noções teóricas são muito valiosas para o estudo da tradução, porque permitem que você analise melhor tanto o processo seletivo de certos itens para a tradução, como seu manejo. Por exemplo, quando você analisa o processo de seleção, é o capital cultural que normalmente determina se você vai escolher traduzir certo texto, e como decidirá traduzi-lo. Quando certo texto goza de um valor cultural elevado, e ele é ranqueado culturalmente no topo, os tradutores tenderão a tomar menos liberdades no tratamento do texto e a se esforçar por produzirem uma tradução adequada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KLINGBERG, Göte. **Children's Fiction in the Hands of the Translators**. Lund: CWK Gleerup, 1986.

O’SULLIVAN, Emer. **Comparative Children’s Literature** (*Kinderliterarische Komparatistik*). Tradução Anthea Bell. Londres e NY: Routledge, 2005.

SHAVIT, Zohar. **Poetics of Children's Literature**. Atenas e Londres: The University of Georgia Press, 1986.

SHAVIT, Zohar. Beyond the Restrictive Frameworks of the Past: Semiotics of Children’s Literature – A New Perspective for the Study of the Field. In: EWERS, H.-H.; LEHNERT, G.; O’SULLIVAN, E. (org.). **Kinderliteratur im interkulturellen Prozess: Studien zur Allgemeinen und Vergleichenden Kinderliteratur-wissenschaft**. Stuttgart e Weimar: Verlag J.B. Metzler, 1994. p. 3-15.

SHAVIT, Zohar. The Historical Model of the Development of Children's Literature. In: NIKOLAJEVA, M. (org.) **Aspects and Issues in the History of Children’s Literature**. Westport, Connecticut e Londres: Greenwood Press, 1995. p. 27-38.

* Lia A. M. de LIMA – Doutoranda em Literatura pela Universidade de Brasília (PósLIT/UnB), bolsista Capes-DS. Mestre em Estudos da Tradução (2015) pela Universidade de Brasília. Bacharel em Letras-Tradução/Francês (2008) pela mesma instituição e em Comunicação Social – Jornalismo (2004) pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Brasília, Distrito Federal, Brasil.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Currículo Acadêmico: <http://lattes.cnpq.br/8248385539458046>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4932-8424>

E-mail: liaamiranda@gmail.com

¹ Zohar SHAVIT – Tel Aviv, Israel.

Academic page: <https://english.tau.ac.il/profile/zshavit> Email: zshavit@tauex.tau.ac.il